

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**SUJEIÇÃO-DOMINAÇÃO: A DRAMÁTICA
EXPERIÊNCIA DOS KRENAK**

GILSON MOREIRA FILHO

PAULO DE MELO NORONHA FILHO

GILSON MOREIRA FILHO

PAULO DE MELO NORONHA FILHO

SUJEIÇÃO-DOMINAÇÃO: A DRAMÁTICA EXPERIÊNCIA DOS KRENAK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Sociais (Antropologia), à Comissão Julgadora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Profa. Neli Ferreira do Nascimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
I- OS KRENAK E AS SUAS TRANSFERÊNCIAS FORÇADAS.....	10
1. Os Krenak na Reserva Maxakali.....	17
2. Os Krenak na Fazenda Guarani.....	20
II- A SITUAÇÃO ATUAL DA COMUNIDADE KRENAK.....	25
1. Dados Demográficos.....	25
2. Habitação.....	33
3. Localização.....	34
4. Economia.....	36
5. Liderança.....	40
6. A Questão Assistencial.....	41
III- AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS ATUAIS NO VALE DO RIO DOCE.....	46
CONCLUSÃO.....	55
NOTAS.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina ao estudo da situação de contato entre índios e brancos no vale do rio Doce, no Estado de Minas Gerais. Procura analisar as relações interétnicas entre os remanescentes indígenas Krenak reunidos no Posto Indígena Guido Marlière, situado no município de Resplendor e a população envolvente, às margens do rio Doce. A preocupação principal é, portanto, descrever e explicar as relações de contato como elementos de um sistema interétnico. Como sistema interétnico entende-se, segundo Roberto Cardoso de Oliveira, o sistema formado pelas relações entre "duas populações dialeticamente unificadas através de interesses diametricamente opostos, ainda que interdependentes por paradoxal que pareça"¹. Trata-se de uma manifestação empírica do tipo de sistema interétnico assimétrico da "matriz dos sistemas interétnicos"² elaborada por Cardoso de Oliveira. Tal tipo é explicado por um modelo de "fricção interétnica"³. Termo, também cunhado por Cardoso de Oliveira para enfatizar o caráter conflituoso das relações interétnicas moldadas por uma estrutura de sujeição-dominância⁴. Significa que as unidades étnicas em contato - especificamente "índios" e "brancos" - guardam relações de contradição, no sentido de que a própria existência de uma unidade nega a existência da outra, por inconciliáveis que são suas posições, no interior do sistema interétnico. É a presença direta da sociedade nacional que leva ao confronto étnico, destruindo toda possibilidade de relações complementares ou simbióticas. A solução encontrada, em

rasão de uma estrutura econômica subjacente que objetiva a acumulação, não poderia ser outra, serão a de dominação política quanto à forma da exploração do território tribal.

O mesmo não ocorre na situação de contato intertribal. Embora possam apresentar relações de desigualdade social entre si, desenvolvem um tipo de interação tal que permite a coexistência de dois ou mais grupos, sem que haja a tentativa de eliminação de um grupo, considerado inferior, pelo outro, tido como superior. Não se conhece nenhuma situação de contato intertribal no Brasil, em que se manifestem indícios de contradições sociais de natureza tal, que a existência de um dos grupos implica na destruição do outro. Cada grupo guarda os limites territoriais do outro, observa fronteiras étnicas mantidas por cada parte e, dentro desses limites, se acomoda um ao outro, num tipo de arranjo que nunca é completamente unilateral, permitindo a criação de interdependências econômicas, sociais, rituais ou outras, que levam a caracterização de tais sistemas como essencialmente simbióticos⁵. Haja visto o que ocorre atualmente no Parque do Kingu⁶. Já nos casos de encontro das etnias "branco" e "índio", a presença do grupo indígena tem sido, ao menos até o momento, constantemente rechaçada pela população regional, dado o caráter expansionista da economia nacional. Assim, para justificar a posse da terra indígena, nada mais óbvio e cômodo do que negar ao índio o direito de existir, enquanto índio, para não dizer, em certos casos, enquanto ser humano.

Os dados sobre os Krenak são esparsos e insuficientes considerando, inicialmente, de cartas e relatórios de viagens de primeiros cronistas e viajantes; posteriormente, dos relatórios dos

Diretores Gerais de Índios, do Ministro da Agricultura (SPI), dos relatórios da FUNAI e de raros trabalhos de antropólogos. Entre estes contam-se o francês Jean de Souza (1537); Martiniano de Wied-Neuwied (1815-1817); Sibor e Martius (1818-1820); Johann Emanuel Pohl (1818-1821); Teophilo Benedito Ottoni (1856-1858); Augusto de Saint-Hilaire (1838); Sylvio Froes Abreu (1926); Alcega Nétraux (1946). O trabalho mais recente sobre os Krenak data de 1979 da etno-historiadora Sônia de Almeida Marcato⁷. É um estudo valioso na medida em que consegue reunir e analisar grande parte dos documentos históricos sobre o grupo. Os estudos de Sônia Marcato foram extremamente importantes para o presente trabalho.

O primeiro documento a registrar informações sobre a existência de índios em Minas Gerais foi redigido na época quinhentista pelo padre João Aspigueta Navarro, datada de 24 de julho de 1555⁸. Os Botocudos começaram a ser contatados, portanto, desde a formação das Capitâneas Hereditárias. A denominação Botocudo, segundo Guido Harlière, foi conferida pelos portugueses a esses índios devido ao costume do uso de botoques feitos de pedra ou osso nos lábios e nas orelhas⁹. Álvaro Astolpho da Silveira afirma que os botoques tem o mesmo significado do anel de casamento¹⁰.

Após uma cuidadosa revisão bibliográfica e a elaboração do projeto de pesquisa, partimos para o trabalho de campo no dia 27 de junho de 1983, acompanhados de nossa Orientadora¹¹, dirigimo-nos para o Posto Indígena de Guido Harlière, onde chegamos no dia seguinte. Passamos antes em Governador Valadares na sede da 11ª Delegacia Regional da FUNAI, onde colhemos mais in-

formações sobre o grupo, principalmente sobre o andamento do processo judiciário relacionado com a demarcação das terras do Posto.

Permanecemos no Posto durante todo o mês de julho de 1983. Naturalmente, o período de campo foi muito curto devido à falta de recursos. Todavia, trabalhando sem descanso, conseguimos coletar, pelo menos, os dados essenciais para a análise proposta. Utilizando as técnicas de observação direta, observação participante, entrevistas informais e histórias de vida, conseguimos: 1º) realizar um censo demográfico; 2º) percorrer todas as casas; 3º) conversar com todos moradores do Posto; 4º) entrevistar: a) os fazendeiros mais próximos; b) algumas pessoas vizinhas ao Posto; c) o enfermeiro do Posto. Visitamos em companhia dos índios, as cidades de Resplendor e Conselheiro Pena, onde tivemos a oportunidade de conversar com algumas pessoas. Frequentamos, com a mesma regularidade dos índios, o povoado de Crenaque.

Logo que chegamos ao Posto sentimos dificuldade em nos relacionar com os moradores. Eles se mostraram desconfiados e apreensivos. A Eva, por exemplo, recusou-se a falar conosco, num primeiro momento, alegando que necessitava ordem do José Alfredo (Mego). No decorrer dos primeiros dias, à medida que tomavam conhecimento das nossas reais intenções, fomos captando a confiança deles, ao ponto de, posteriormente, nos procurarem para dar informações.

Estrutturamos o trabalho em três capítulos. No primeiro relatamos fatos da história dos Botocudos, dos quais, os Krenak são os últimos remanescentes em Minas Gerais. Tentamos também

analisar as transferências forçadas e a permanência dos Krenak no território tribal Massakali (1956) e na Fazenda Guarani (1972). No segundo, analisamos a situação atual da comunidade Krenak. Usamos para tanto quadros e gráficos ilustrativos. No terceiro capítulo tentamos analisar as relações interétnicas envolvendo os fazendeiros, os habitantes do povoado de Crenaque, os funcionários da FUNAI e as relações sociais intragrupal.

Esperamos que os ainda insuficientes conhecimentos sobre os Krenak que, como iniciantes, procuramos produzir neste trabalho, possam servir para estimular outros estudiosos e antropólogos a direcionar suas pesquisas e suas ações para o grupo Krenak, enquanto é tempo.

CAPÍTULO I

OS KRENAK E AS SUAS TRANSFERÊNCIAS FORÇADAS

As evidências históricas mostram o dramático esforço do povo Krenak pela sobrevivência, desde a invasão portuguesa até os nossos dias, quando, mesmo reduzido a um punhado de remanescentes, no Posto Indígena Guido Marlière, continua resistindo.

Os Krenak são histórica e lingüísticamente incluídos entre os Potocudos, nome genérico pelo qual eram conhecidos os índios que habitavam faixas do leste, sudeste, mata atlântica e zona da mata nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia¹².

Tudo começa com a colonização portuguesa a partir do século XVI. Dessa época em diante as populações indígenas são condenadas ao mesmo destino: enfrentar o branco.

No início do século XVI, o projeto de desenvolvimento das matas em busca de riquezas ainda não era tão intenso; a Corte Portuguesa contava com excelentes reservas econômicas e se encontrava em estágio de economia equilibrada. Os contatos estabelecidos entre índios e civilizados, nessa época, foram esporádicos encontros acontecidos em ocasiões inesperadas. Com o despertar das possibilidades de exploração de terras mineiras indígenas por parte dos europeus, começou-se a traçar esquemas de desbravamento dos sertões. As Capitânicas Hereditárias tinham este econômico intuito... A partir daí, contatos entre índios e brancos começam a se intensificar...

O plano desenvolvimentista delineado pelos portugueses era incompatível com o modo de vida do indígena habitante da área. De qualquer forma, a mentalidade da Coroa portuguesa era o desenvolvimento do local para seu próprio suprimento, para o próprio bem estar. Os indígenas constituíam nada mais que meros selvagens interceptadores do progresso... Sabemos da intensidade da violência ocorrida; contudo, tais agressões não passavam de combates inorganizados e vindos de impulsos furiosos dos agentes em guerra. Aos poucos a Corte portuguesa foi tomando consciência dos óbices que ontravavam o programa de exploração das terras. Como a principal barreira era o índio, nada seria mais coerente do que a organização de esquemas de extermínios de tais entraves¹³. Algo teria de ser feito, pois o objetivo primeiro do Príncipe Regente era a exploração de riquezas. Com a falência da economia tradicional portuguesa no início do século XIX, a cobiça pela terra começa a crescer sensivelmente. Com isso, a cada dia que passava, mais expedições exploradoras eram mandadas à região para que pudessem trabalhar com mais afinco na tarefa da procura de riquezas. Os indígenas, originais habitantes das terras, eram simplesmente ignorados.

Com a crescente ameaça de não poderem explorar tranqüilamente as terras, dada a resistência dos indígenas, o Príncipe Regente começa a delinear sérias medidas de controle ao índio regional. Foi assim que, em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, começou-se a traçar esquema rígidos de repressão contra os Botocudos de Minas Gerais - que já entravam em processo de dispersão por toda a região vizinha. Tais esquemas eram configurados através de Cartas Régias do Príncipe Re-

gente ao Governador e Capitão Geral da Capitania de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Ataíde Mello¹⁴.

Esse esquema de repressão, conforme pode ser verificado pelas Cartas Régias, declarava guerras ofensivas contra os Botocudos. Tratava-se de um total desrespeito a um povo que até antes da Colônia conseguia viver com dignidade e entender o mundo conforme concepção própria.

Com o crescente agravamento dessas severas normas de repressão e extermínio, os Botocudos foram obrigados a, gradativamente, irem se espalhando pelo território mineiro e desagregando-se totalmente. Por conseguinte, os pequenos agrupamentos Botocudos foram começando a ser identificados por denominações regionais. Não eram mais Botocudos, mas Krekmún, Djiporóka, Pojitrá Maknanúk, Dakuên, etc... Em 1887, Ehrenreich encontrou dez bandos diferentes. Um desses bandos recebeu a denominação Wrenak¹⁵.

Essa mentalidade de extermínio físico dos índios continua até 1831, quando é revogada a lei joanina. Enquanto perdurou tal episódio de matança, os índios tentaram de todos os meios possíveis manterem-se de pé perante tanta violência. Todavia, a força vultosa do nosso material bélico, superior em todos os sentidos, destruía, a um só tempo, "bandos" de seres armados apenas com flechas, bordunas e estilingues. O resultado é que conseguiram apenas adiar o extermínio, através de violentas reações contra o fato de terem que aceitar a chamada civilização.

A política indigenista após 1831, toma outra feição: com

a população Botocudo completamente diminuída, não era mais necessário esquemas tão rígidos. Imediatamente após o fim da lei joanina, os indígenas foram considerados órfãos. Estes, até então, considerados selvagens e indignos, passam a ser encarados como meras crianças carentes de proteção, que precisavam ser apoiadas e educadas devidamente. Mas, embora a política indigenista tivesse assumido novas formas de ação, as medidas de mantanças continuavam encobertas por aparentes ideologias de apoio, proteção e catequese. Era permitido matar índios arrojados e que resistissem a ser educados em nossos padrões culturais, morais e religiosos.

Mais tarde, após o decreto nº 246 de 24 de julho de 1845, definem-se as linhas básicas da política indigenista. Os índios, ainda considerados como crianças necessitadas de preparo, são entregues aos capuchinhos italianos que passaram a ter a responsabilidade de catequizá-los. Só assim podiam ser aceitos pela sociedade. Além disso, um dos objetivos específicos dos missionários italianos era inculcar a fé católica, considerada como padrão de conduta religiosa¹⁵.

Com a Proclamação da República, o Estado passa a ser o responsável pela catequese e civilização dos índios. Nota-se até aqui como os índios eram discriminados enquanto grupo étnico portador de padrões sócio-culturais independentes dos nossos. A mentalidade de indiferença em relação aos indígenas como uma organização humana continua bastante marcante até a criação de um órgão protecionista que parece incorporar a idéia de respeito e dignidade humana - o Serviço de Proteção aos Índios - SPI - criado em 1910. A partir daí, a política de pacificação passa

a assumir um caráter menos agressivo. Na verdade, a violência já não era mais justificável, dada o decréscimo da população indígena; seria um verdadeiro ato de covardia continuar a manutenção descabida de contingentes indígenas.

Uma das medidas acionadas pelo Serviço de Proteção ao Índio foi confinar os remanescentes indígenas em pequenas glebas de terra, denominadas reservas, para que pudessem ali viver seu drama. Segundo Alcida Rita Ramos, tais reservas não passam de "prêmios de consolação ao perdedor"¹⁷. Segundo este modelo de ação indigenista, o Estado começa a demarcar pequenas faixas de terra que seriam ocupadas por índios sobreviventes das múltiplas represálias ocorridas. Assim, finalmente, em 1920 os Krenak - últimos remanescentes Botocudos em Minas Gerais - são estabelecidos no Posto Indígena Guido Marlière, à margem esquerda do rio Doce próximo à cidade de Resplendor em Minas Gerais.

Apesar da reunião de indígenas em reservas ter propiciado ao índio uma teórica solução do problema, no terreno da prática, as atitudes não eram pacíficas. Embora fosse admitido uma política menos agressiva na opinião de estudiosos e responsáveis pelos índios, o que ocorria, concretamente, eram terríveis combates entre índios de reserva e regionais habitantes da área, que moravam em fazendas vizinhas.

Os Krenak, que, em 1926, somavam apenas vinte e dois indígenas¹⁸, permaneceram confinados na reserva Guido Marlière até o ano de 1956, tendo que suportar ataques e severas discriminações por parte dos habitantes da região. Para completar o

verdadeiro estado de violência e desrespeito, o SPI, em 1956, declara extinta a reserva Guido Marlière e transfere forçosamente os Krenak para o território dos índios Marakali - índios inimigos, com os quais entraram em guerras na época da colonização¹⁹. A presença dos Krenak em seus limites, não deixou de constituir ameaça e pânico para os Marakali, um povo, também massacrado e violentado ao longo de sua história por colonizadores e habitantes vizinhos às suas terras. Assim, os Krenak não passavam de intrusos, invasores, capisiosos ávidos de terras e riquezas alheias. Marakali e Krenak não podiam conviver em situação de igualdade e equilíbrio. Sempre entravam em atritos.

Os Krenak, não suportando tal situação, decidiram retornar ao seu local de origem. Perambulando pelas estradas, numa longa e sofrida caminhada de noventa e quatro dias, segundo o depoimento de Laurita Félix, chegaram finalmente a região onde fora o Posto Indígena Guido Marlière. Mas, qual não foi a surpresa dos Krenak: alguns anos após a chegada à reserva, a área passa a ser habitada por índios de diversas etnias que eram estabelecidos ali como prisioneiros. A área tinha sido transformada em local de índios "malfeitores". Diante desse fato, os Krenak não tiveram outra alternativa a não ser submeter-se às influências diversas e ameaças de diferentes povos; não puderam escapar a convivência forçada com índios de diversas procedências e culturas. Os Krenak passaram a viver sob forte esquema de repressão; o posto era policiado por soldados militares; foram proibidos de falar a língua original e forçados a trabalhar para o sustento geral. A qualquer deslize eram severamen-

te punidos. Além disso tiveram que conciliar diferentes visões de mundo numa total descaracterização de suas próprias concepções culturais. De qualquer forma, foram continuando a viver seu drama através de muita fé em si mesmos e força de vontade.

O drama continua... Em 1972, a área pertencente aos Krenak é trocada pela Fazenda Guarani, situada no município de Carmésia em Minas Gerais²⁰. Esta troca fora efetuada pelo Capitão Manoel dos Santos Pinheiro o mesmo agente responsável pelas violentas punições salientadas anteriormente. A fazenda Guarani fora transformada em despejo de índios "criminosos" e de índios despojados de suas terras. Há uma nova dispersão e fragmentação do grupo Krenak já cindido: alguns índios partiram para o Posto Vanuíre em São Paulo, no município de Tupã - passando a conviver com os Kaingang²¹ - ; outros se destinaram a diferentes cidades como Caratinga, Resplendor, Vitória, etc... Na Fazenda Guarani, os Krenak se depararam com Pataxó, Maxakali, Fulni-ô, Guarani e outros, tendo que, mais uma vez, relativizar sua já não mais estruturada visão de mundo, confrontando-a com um emaranhado de concepções "estranhas". Isso acarretou um total desequilíbrio em suas próprias formas de abordar a realidade imediatamente percebida.

Fãõ suportando tal situação, os Krenak tomam a decisão de retornar, mais uma vez, ao seu local de origem. Iniciaram o retorno no dia 12 de maio de 1980²², quando três famílias se transferem de maneira discreta. Ocupam as ruínas de antigas construções derrubadas pela enchente de 1979. Aos poucos os demais índios foram chegando... A estratégia de retomada visava surpreender a FUNAI, que após o fato consumado, não teria ou-

tra alternativa a não ser legitimar a posse das terras.

Depois de muita luta, podemos encontrar no interior de Minas Gerais, no município de Leopoldina, à margem esquerda do rio Doce, um contingente de 73 pessoas vivendo o resultado de uma batalha constante, responsável pelo abatimento quase total de um grupo que se encontra, hoje, completamente descaracterizado e miscigenado. Reivindicam atualmente 250 hectares de terra. Embora irrisória a extensão de terra que estão ocupando no momento, cerca de 54 hectares, dedicam-se ao cultivo e à criação.

Mais adiante analisaremos a situação atual dos remanescentes Botocudos em Minas Gerais. Por enquanto, gostaríamos apenas de registrar a longa caminhada de um povo que surgiu no cenário mundial como auto-suficiente, mas que, posteriormente, foi obrigado a ceder suas reais posses a "estranhos" - conhecidos como descobridores e desbravadores de matas inexploradas - submetendo-se à humilhação e espoliação, sendo forçado a ver o mundo através de um prisma totalmente desconhecido, estranho, complicado e de difícil manejo: a ótica dos civilizados.

1. OS KRENAN NA RESERVA HAMARALI

Devido a pressões de políticos e fazendeiros exercidas sobre o SPI, na região, o Posto Indígena Guido Harlière veio a ser extinto e as terras dos Krerak cedidas ao Serviço de Reflorestamento do Estado de Minas Gerais em 1956²³. Com a extinção

do Posto Indígena, os Krenak são transferidos arbitrariamente para o território dos índios Maxakali. A análise desta fase do contato torna-se difícil, devido à falta de dados e ao mínimo de informações sobre as relações interétnicas mantidas durante a permanência dos Krenak na reserva Maxakali. Disponho de algumas informações, por gentileza do nosso colega Jorge Quirino de Araújo Campos²⁴ que, a nosso pedido, entrevistou o Nenê Krenak²⁵, a esposa dele, Dona Leontina Neves, e alguns índios Maxakali, dada a nossa impossibilidade de fazê-lo pessoalmente. Obtivemos também algumas informações fragmentárias com a Laurita Krenak²⁶, que era criança na época.

Segundo Nenê o Chefe da Ajudância Minas-Bahia (SPI) o então Cap. Manuel dos Santos Pinheiro levou os índios, em número de 55, de caminhão, sob a promessa de que haveria muita caça, pesca, casas para morar e muita fartura nas terras Maxakali. Qual não foi a decepção dos Krenak! A caça na região há muito estava extinta. Os córregos que cortam a reserva constituem cabeceiras de rio e portanto não eram piscosos. Sofreram grandes privações. Alguns adquiriram doenças e morreram saudosos de suas terras.

Era uma vida dura e de muito trabalho. Os Krenak abriram com o auxílio de máquinas uma estrada que liga o Posto à cidade de Machacalis. Sofreram tanto nessa empreitada que alguns Krenak, quando chegaram na cidade de Machacalis, não quiseram retornar para a reserva Maxakali. Burlando a vigilância, fugiram para o vale do rio Doce.

O período de permanência na reserva Maxakali foi mais ou

menos de três anos, ao longo dos quais, os Krenak, não conseguiram se adaptar, mantendo viva a ligação e a lembrança das terras originárias, para onde, paulatinamente, foram retornando em pequenos grupos. Somente o Tonê Krenak²⁷, já casado com Neontina, permaneceu e até hoje mora na reserva Maxakali.

Laurita Krenak, diz que, embora fosse criança, ainda se lembra e também ouvia os pais contarem sobre a época, quando viveram entre os Maxakali. Ela afirma que eles eram obrigados a trabalhar para o sustento geral e ainda suportar o saque às suas plantações, praticado pelos Maxakali. Laurita nos informou que o retorno de sua família ocorreu em fins da década de cinquenta e a caminhada à pé durou 94 longos dias de sofrimento.

Houve apenas um casamento entre Maxakali e Krenak, que durou algum tempo, do qual resultou três filhos²⁸.

Do que foi exposto podemos ressaltar alguns pontos. Primeiro, o grupo Krenak, já nesta época, estava bastante descaracterizado em consequência do longo período de contato massacrante de que fora vítima²⁴. Na situação de pretensos usurpadores, sem terras, transferidos à sua revelia, numericamente inferiores - 55 índios - os Krenak encontravam-se em condição muito desfavorável em relação aos Maxakali. Estes por sua vez, embora também vítimas de processo semelhante, estavam nas suas próprias terras³⁰, numericamente superiores - 135 indivíduos - e dadas certas categorias geográficas e históricas anteriores puderam criar mecanismos de resistência cultural³¹. Além disso, os Maxakali eram inimigos tradicionais dos Krenak³². Segundo, do encontro forçado dessas duas populações, em condições tão ad-

versas, não se poderia esperar o desenvolvimento de relações simétricas, o que de fato não ocorreu. Naturalmente que os Krenakali, como donos das terras, se impuseram como tais, deixando pouco espaço aos recém-chegados. Relações conflituosas e hierárquicas marcaram a permanência dos Krenak na reserva Krenakali. Terceiro, os Krenak reagiram como puderam, mas não aceitaram a situação de dominação, retornaram furtivamente ao seu local de origem. Quarto, mais uma vez fica evidenciado que a ingerência da política indigenista oficial, no sentido de transferir os grupos indígenas de um lugar para outro, para atender interesses diversos que não os dos índios, configura-se como mais uma violência, e ainda mais grave por ser praticada pelo próprio órgão tutor.

2. OS KRENAK NA FAZENDA GUARANI

Em 1972, nova violência é praticada contra os índios Krenak. Alguns políticos e fazendeiros da região do rio Doce pedem ao então Governador Rondon Pacheco para usar sua influência junto à FUNAI, com objetivo de transferir os índios para outra área. Assim, através de um acordo de permuta entre a RURALMINAS e a FUNAI, os índios Krenak são transferidos, à força, para a Fazenda Guarani, situada no município de Carmésia, Estado de Minas Gerais. Assim a área Krenak foi trocada pela Fazenda Guarani³³.

Com a transferência dos Krenak ocorre a dispersão e fragmentação da comunidade. Os Krenak dirigem-se para os mais varia-

dos lugares e apenas 30 índios foram instalados na Fazenda Guarani, juntamente com os 19 índios, de várias procedências, que se encontravam reclusos no Posto Indígena Sudo Parlière.

Segundo a FUNAI, o motivo da transferência dos Krenak deveu-se ... "às pressões dos civilizados, infiltrando inclusive bebida na reserva para desencadear um processo de desajustes e conflitos". A única solução encontrada pela FUNAI foi transferir os indígenas Krenak e não-Krenak, para outra área. Na Fazenda Guarani, o trabalho básico seria o preparo de monitores indígenas para ministrar cursos práticos de formação de mão-de-obra para indígenas integradas³⁴.

Pensava-se que a permuta da área indígena pela Fazenda Guarani solucionaria a questão e colocaria um ponto final no impasse nascido da invasão de terras Krenak. Todavia, juntamente com os Krenak transferidos, transferiram-se também os problemas pré-existentes, já que durante os dois anos seguintes a Fazenda funcionaria como estabelecimento correccional (1972-1974). Para agravar ainda mais as dificuldades, eis que, em 1974, para lá são igualmente transferidos 46 Guaranis e 11 Tupiniquins que viviam em Caieiras Velhas, litoral do Estado do Espírito Santo e passaram a ser hostilizados pelos demais.³⁵

Assim, em virtude dessa situação, o nível de relacionamento entre as populações que compõem o quadro social da Fazenda Guarani é estruturado pela rivalidade, tensão e até mesmo pela violência física. Os Krenak, em confronto com outros grupos, sentem a importância da necessidade de unirem-se como uma categoria étnica distinta, para conservarem o pouco que ainda lhes

resta de sua cultura e para tentarem sobrepor-se aos demais índios. Desse contato intertribal, surgiram mecanismos de estratificação tribal, ou seja, cada grupo fechou-se em si mesmo, dando ao sistema social em formação características assimétricas.

Com o passar do tempo, a continuidade do contato intertribal caminhou no sentido de promover um maior distanciamento dos grupos indígenas que conviviam na Fazenda Guarani, pois cada grupo busca para si todas as vantagens possíveis em detrimento dos outros. Durante esse período seria natural o surgimento de uma cultura de contato que brotaria como mediadora das relações intertribais, porém, a rivalidade étnica ocupou cada vez maior espaço, tornando a situação de contato insuportável.

À permanência dos índios, contra a sua vontade, na Fazenda Guarani, possibilitou a manifestação de comportamentos negativos. Assim o Guarani Paulo Venite via a situação: "Nóis veio aqui conversar com Tupiniquin amigo. Meu povo pediu eu vir aqui dizer todo mundo não acostuma Fazenda Guarani. Terra não é boa, muito frio. O segundo capitão morreu lá, cascável mordeu ele... Tupiniquin muito bom. Não é igual a Krenaque. Krenaque diz que lá não é nosso lugar. Eles roubar animal, depois diz que é Guarani. Eles quase matar meu irmão João, dar pontapé nele. Krenaque não gosta de nós. Dizer que fazenda é deles. Para eles tem tudo. Mesa, cama, casa bonitinha. Para nós casa de pau-a-pique. Coronel não quer que ajude Guarani"³⁶.

A oposição entre Krenak e não-Krenak prosseguia, assumindo características cada vez mais tensas. As relações eram sempre

pautadas pela discriminação em todos os níveis. Tais atitudes clarificam-se pelos seguintes depoimentos. 1) Ava Krenak: "Os Guarani são preguiçosos; bêbados, ciganos; não gostam de se misturar com os demais índios; os Pataxó tem cabelo ruim que nem bon-bril; já o nosso, de índio mesmo, é escorrido, cabelo bom". 2) Sônia Krenak: "pensam que são melhores que a gente, as moças deles quer até casar com civilizados". 3) Maria Júlia Izidoro: "Os Pataxó é gente matadora e traíçocira"³⁷.

A não adaptação dos Krenak à Fazenda Guarani, não se deve apenas ao fato de eles se encontrarem em confronto intertribal com outros grupos indígenas, em que prevalecia a completa falta de solidariedade e a discriminação étnica; mas também à total inadaptação à região, pois, tendo sido a Fazenda Guarani durante muitos anos propriedade dedicada à monocultura cafeeira, esta encontrava-se completamente desgastada e improdutiva para o plantio de produtos básicos na dieta alimentar do grupo. Perguntando aos Krenak o motivo da sua não adaptação na Fazenda Guarani, recebemos como resposta "que a terra é muito ruim para se plantar arroz, milho e feijão; é que lá chove muito e é muito frio; na Fazenda Guarani só dá banana e bambu; é porque lá plantaram muito café e por isso a terra tá ruim, lá não dá mais nada".

O descontentamento era geral entre todos os membros do grupo Krenak, principalmente com a conflituosa situação existente na área acrescida da impossibilidade de desenvolver a agricultura em virtude da infertilidade do solo. Diante desses fatores, tornou-se cada vez mais imprescindível para o grupo Krenak o retorno para sua área original. Houve várias tentativas de

diálogo junto ao órgão tutor, apresentando os Krenak sua aflitiva situação na Fazenda Guarani e mostrando que era desejo de toda comunidade o retorno para sua área original. Porém, recebiam apenas promessas e adiamentos de tal transferência e nunca medidas objetivas. Assim, os Krenak decidiram, contra a vontade da FUNAI e pelos seus próprios meios, retornar à sua área no vale do rio Doce. Isso ocorreu em 12 de maio de 1980.

CAPÍTULO II

A SITUAÇÃO ATUAL DA COMUNIDADE KRENAK

1. DADOS DEMOGRÁFICOS

A população é constituída de 10 famílias, totalizando 73 pessoas³⁸. Devido aos casamentos interétnicos há necessidade de descrever a composição de cada família. A partir do seu chefe, são assim compostas, como segue:

1) Adão Luiz Viana (civilizado) casado com Laurita Maria Félix (Krenak). Possui 6 filhos. Laurita possui mais uma filha Marilsa Felix do seu primeiro casamento com um civilizado; Marilsa foi casada com Augusto Paulino, do qual tem um filho. Vive com seu filho na casa da mãe. Com esta família também mora Maria Aparecida da Silva que é sobrinha de Laurita; ela é filha de Deja e João Batista de Oliveira. Total 11 pessoas.

2) Augusto Paulino (mestiço) foi casado com Marilsa (mestiça) de quem tem um filho. Ele teve outro filho, Manuel Batista de Oliveira, com uma civilizada quando morava fora da área. Este filho e o tio, Jonas de Oliveira, vivem na mesma casa. Total 3 pessoas.

3) Antônio do Rosário (civilizado) casado com Maria Paula da Glória (mestiça) possui 2 filhos. Total 4 pessoas.

4) Antônio Vieira da Graça (Pankararu) casado com Ana Maria da Conceição (civilizada), possui um filho adotivo, Manuel Vieira da Graça, (civilizado) casado com Eva Dora (Krenak), possui 8 filhos. Total 12 pessoas.

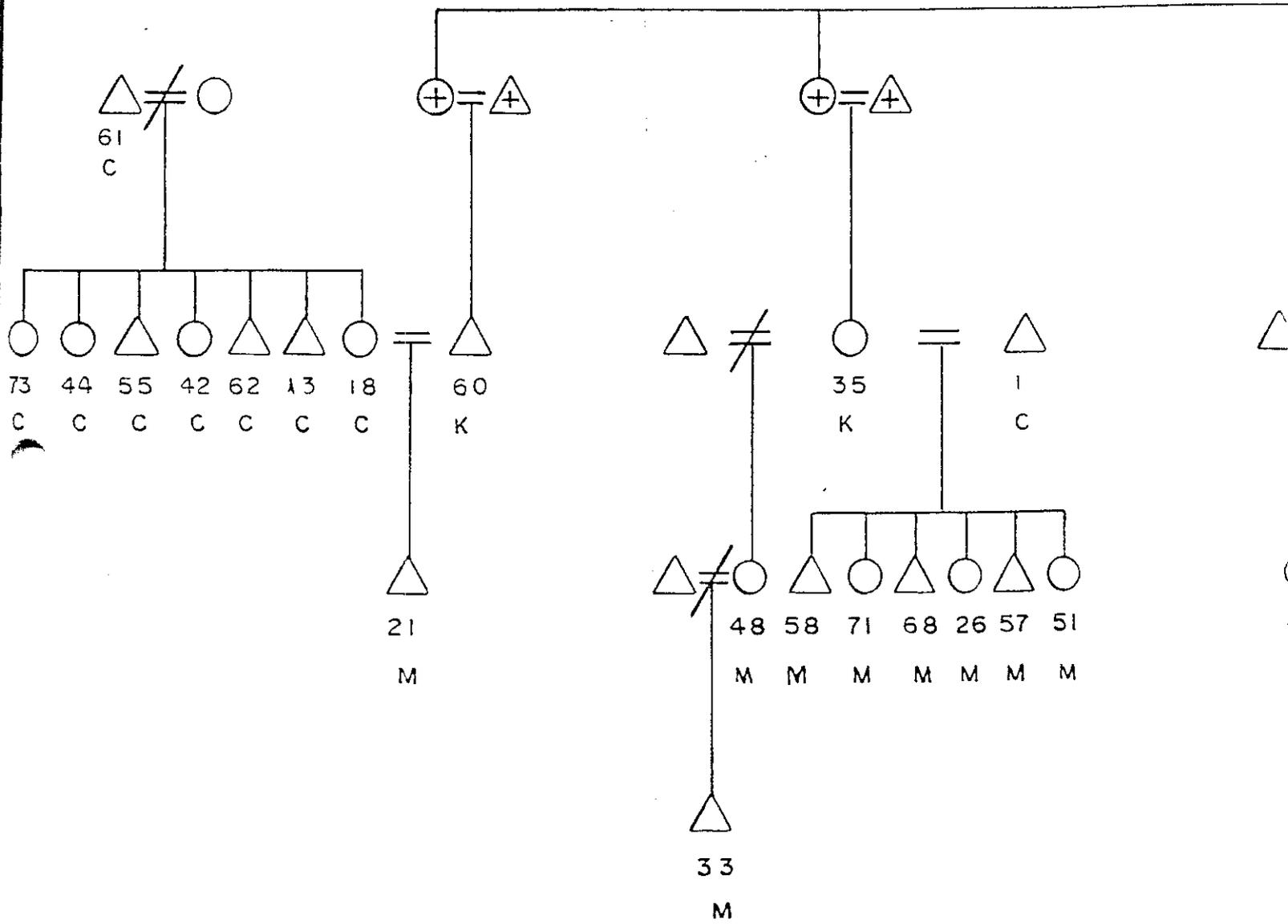


FIGURA I DIAGRAMA

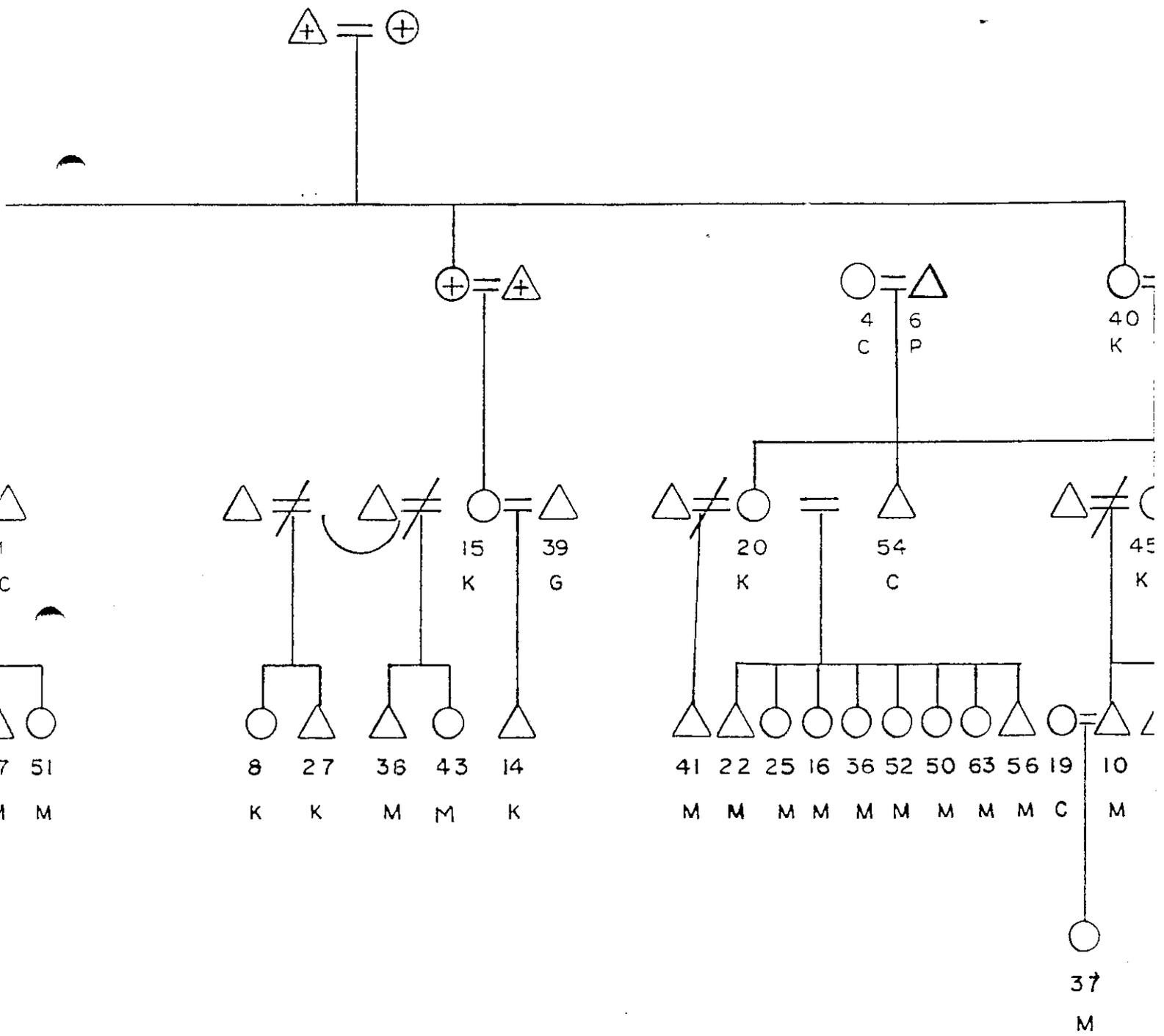
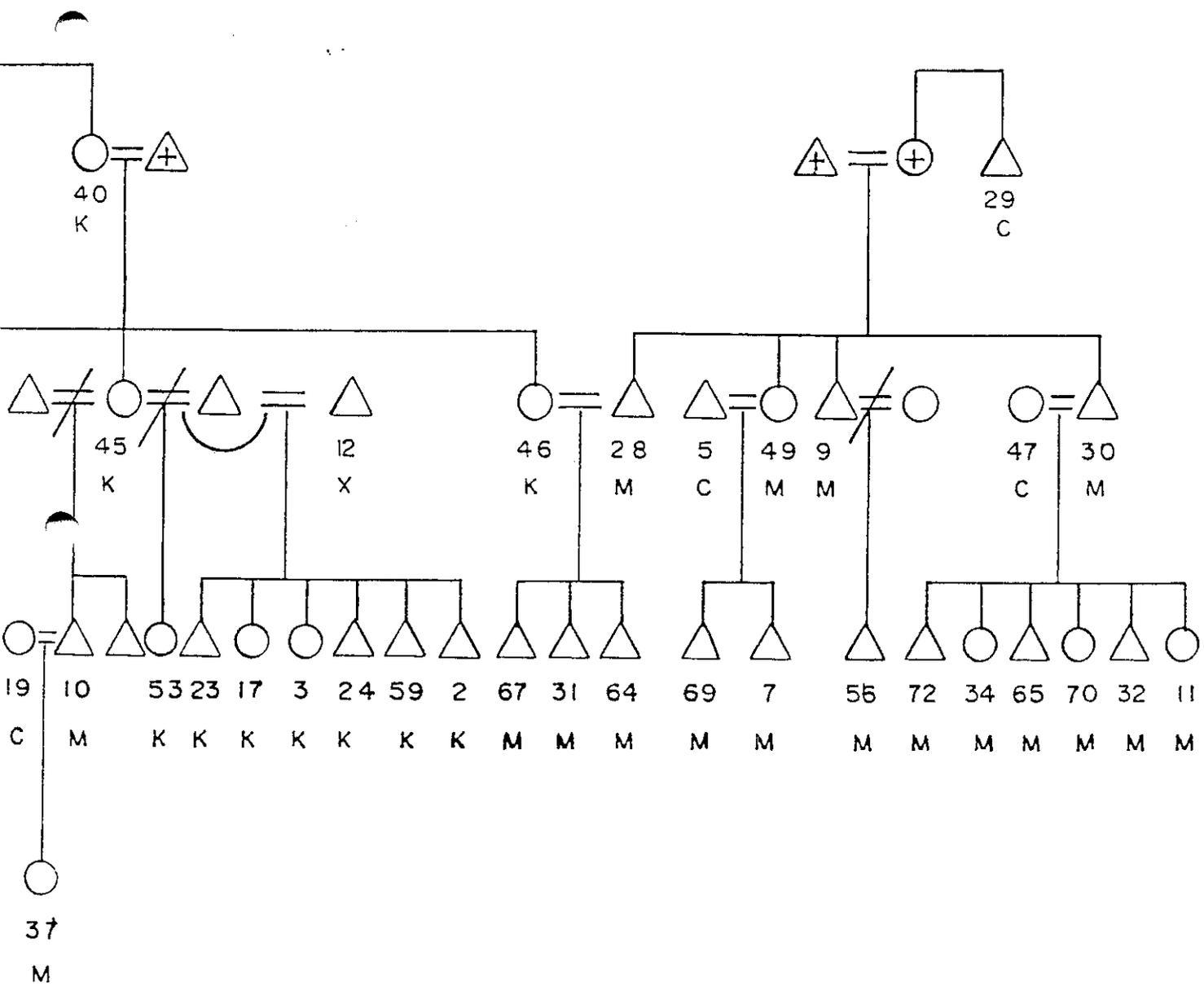


FIGURA I DIAGRAMA DE PARENTESCO



5) Básilio Luiz Viana (mestiço) casado com Eliana Maria Alves (civilizada); possui uma filha. Residem com ele o irmão Luís Viana e a irmã por parte de mãe, Marinalva Pereira. Total 5 pessoas.

6) Bibiano da Silva Pereira (Krente) casado com Maria Sônia (Krenak) possui 6 filhos. Total 8 pessoas.

7) João Batista de Oliveira (mestiço) casado com Maria Júlia (Krenak) possui 3 filhos. Sua sogra, Lucinda Damacena (Krenak) mora em sua casa. Total 6 pessoas.

8) José Alfredo de Oliveira (mestiço) casado com Maria do Carmo dos Santos (civilizada). Possui 6 filhos. Total 8 pessoas.

9) Lírio Garcia (Guarani) casado com Deja (Krenak) possui um filho. Deja possui 2 filhos com um índio Fulni-ô: Arlete de Souza e Itamar de Souza. Possui também um filho, Lindomar de Souza, com o João Batista de Oliveira (mestiço). Total 6 pessoas.

10) Manuel Frozindo (civilizado) separado da mulher (civilizada). Possui 7 filhos. Sua filha Dirci Frozindo é casada com Moacir Manuel dos Santos (Krenak) com quem tem um filho. Total 10 pessoas.

Esta descrição permite-nos observar que a maioria das uniões matrimoniais foi realizada com civilizados ou com pessoas de outras etnias. Dos 10 casamentos atuais, 7 foram com civilizados e apenas 3 de índio com índio.

Os quadros nº I e II mostram a distribuição por etnia, revelando que apenas 9,5% da população são filhos de pais Kre-

QUADRO I

Nº	NOME	FILIAÇÃO		ETHIA	IDADE
		PAI	MÃE		
01	Adão Luis Viana	C	C	C	44
02	Ailton Pereira	X	K	K	03
03	Alzira Pereira	X	K	X	05
04	Ana Maria da Conceição	C	C	C	60
05	Antônio do Rosário	C	C	C	25
06	Antonio Paulo do Rosário	C	M	M	04
07	Antonio Vieira da Graça	P	P	P	74
08	Arlete de Souza	F	K	K	06
09	Augusto Paulino	M	C	M	36
10	Basílio Luis Viana	C	K	M	23
11	Belina Batista de Oliveira	M	C	M	09
12	Dibiano da Silva Pereira	X	X	K	60
13	Binha Frozindo	C	C	C	24
14	Daniel Garcia	G	K	K	01
15	Deja Krenak	K	K	K	40
16	Derenice Vieira	C	K	M	04
17	Dilma Pereira	X	K	K	04
18	Dirci Fozindo da Silva	C	C	C	18
19	Eliana Maria Alves *	C	C	C	22
20	Eva Dora *	K	K	K	37
21	Fabiano de Souza	K	C	M	01
22	Francisco Vieira	C	K	M	09
23	Genival Pereira	X	K	K	01
24	Gesi Pereira	X	K	K	02
25	Indiaria Vieira	C	K	M	01
26	Irani Luis Viana	C	K	M	05
27	Itamar de Souza	F	K	K	04
28	João Batista de Oliveira	M	C	M	33
29	Jonas de Oliveira	C	C	C	54
30	José Alfredo de Oliveira	M	C	M	38
31	José Batista de Oliveira	M	K	M	04
32	José Carlos de Oliveira	M	C	M	08
33	Junior Luis Viana	M	M	M	01
34	Jurema Batista de Oliveira	M	C	M	02
35	Laurita Mari Felixs *	K	K	K	39
36	Leni Vieira	C	K	M	05
37	Lidiane Alves Viana	M	C	M	03
38	Lindomar de Souza	F	K	K	09
39	Lirio Garcia	G	G	G	23
40	Lucinda Damacena	K	K	K	70
41	Luis Viana	C	K	M	16
42	Maria Aparecida da Silva	C	C	C	14
43	Maria Aparecida de Souza	M	K	M	08
44	Margareth Aparecida Frozindo	C	C	C	16
45	Maria Sônia Krenak	K	K	K	40
46	Maria Júlia Krenak	K	K	K	30
47	Maria do Carmo dos Santos	C	C	C	27
48	Marilsa Felixs	C	K	M	20
49	Maria Paula da Glória	M	C	M	37
50	Marlene Vieira	C	K	M	07
51	Marli Luis Viana	C	K	M	08
52	Marli Vieira	C	K	M	05
53	Marinalva Pereira	X	K	K	15
54	Manuel Vieira da Graça	C	C	C	39

Nº	NOME	FILIAÇÃO		ETNIA	IDADE
		PAI	MÃE		
55	Manuel Frozindo da Silva	C	C	C	11
56	Manuel Batista de Oliveira	M	C	M	16
57	Maurício Luis Viana	C	K	M	10
58	Mauro Luis Viana	C	K	M	03
59	Marco Pereira da Silva	K	K	K	09
60	Moacir Manuel dos Santos	K	K	K	23
61	Manuel Frozindo	C	C	C	55
62	Nilson Frozindo	C	C	C	22
63	Milza Vieira	C	K	M	12
64	Osmar Batista de Oliveira	M	C	M	04
65	Osmar Batista de Oliveira	M	K	M	06
66	Ricardo Vieira	C	K	M	08
67	Rufimar Batista de Oliveira	M	K	M	07
68	Rondon, Luis Viana	C	K	M	12
69	Sérgio Paulo do Rosário	C	M	M	01
70	Solange Batista de Oliveira	M	C	M	06
71	Tatiana Luis Viana	C	K	M	02
72	Teófilo Batista de Oliveira	M	C	M	03
73	Vânia Frozindo da Silva	C	C	C	07

OES.: * Mulheres grávidas.

C = Civilizado

F = Fulni-ô

G = Guarani

K = Krenak

M = Mestiço

P = Pankararu

X = Xerente

QUADRO II

POPULAÇÃO KRENAK 1918/1983

ANO	HOMENS						MULHERES						TOTAL	FONTE	CITAÇÃO
	K	P	G	X	M	C	K	P	G	X	M	C			
1918													65	S. da Silva	Marcato
1926													22	F. de Abreu	Marcato
1939													68	Nimuen daju	Marcato
1971													20	Marcato	Marcato
1983	8	1	1	1	21	8	10	-	-	-	16	7	73	Pesquisa de Campo	

- OBS.: K = Krenak
 P = Pankararu
 G = Guarani
 X = Kerente
 M = Mestiço
 C = Civilizado

QUADRO III

PIRÂMIDE ETÁRIA DA POPULAÇÃO DO P.I. GUIDO MARLIÈRE - JULHO / 1983			
		HOMENS	MULHERES
IDADE	Nº DE INDIV		Nº DE INDIV
70-75	1		1
65-69			
60-64	1		1
55-59	1		
50-54	1		
45-49			
40-44	1		2
35-39	3		3
30-34	1		1
25-29	1		1
20-24	5		2
15-19	2		3
10-14	3		2
05-09	7		11
00-04	13		6
	40		33

TOTAL GERAL : 73 PESSOAS

nak. Dos 73 indivíduos que compõem a comunidade apenas 7 foram identificados como mais "apurados". Estes dados permitem inferir o alto grau de miscigenação biológica e o alto grau de aculturação.

Observando a pirâmide etária, Quadro nº III, pode-se perceber que 64% da população, ou seja, mais da metade é constituída de jovens menores de 20 anos. A predominância numérica dos jovens e dos casamentos interétnicos podem ser considerados como resultantes das sucessivas diásporas dos Krenak. Devido à transferência dos Krenak para a Fazenda Guarani (1972), segundo Marcato³⁹, ocorreu a dispersão e a fragmentação da comunidade: 22 índios foram para o Posto Indígena Vanuíre, 5 foram residir na cidade de Resplendor. Em 1976 Melatti⁴⁰ registra a presença de 32 pessoas de origem Krenak no Posto Indígena Vanuíre e 7 no Posto Indígena Icatu, ambos situados no estado de São Paulo. Em 1979 o jornal Porantim⁴¹ menciona a existência de 45 pessoas no Posto Indígena Vanuíre, 5 na cidade de Resplendor, 5 entre os Terena, 9 na ilha do Bananal, num total de 64 indivíduos de origem Krenak vivendo fora de sua própria comunidade.

Quando estivemos no Posto Indígena Maxakali, em 1982, encontramos o Nenê Krenak⁴², casado com uma civilizada, filha de um falecido funcionário do Posto. Encontramos também dois outros Krenak, funcionários da FUNAI - tratoristas - transferidos por necessidade do serviço. Todos os dois casados com civilizadas. Aliás, um deles, o João Krenak casou-se, o ano passado, com a professora do Posto Indígena Pradinho.

Na época de nossa pesquisa de campo, observamos que havia u

ma preocupação muito grande, por parte de alguns moradores do Posto Guido Harlière, em reunir os parentes distantes. Estavam insistindo junto a 11ª DR FUNAI no retorno das pessoas que viviam no Posto Indígena Vanuíre.

Os Krenak estão conscientes que a reunião de todos eles reforçará a luta pela terra. Parece que a FUNAI não está muito interessada neste retorno. De acordo com uma reportagem da Revista Interior, os Krenak estão bem no Posto Indígena Vanuíre⁴³.

2. HABITAÇÃO

Os Krenak vivem em casas de alvenaria, construídas por eles próprios. As casas atuais foram construídas com recursos próprios e com a ajuda da FUNAI. As casas são pequenas possuindo no máximo 3 comodors. A casa de Adão Luis Viana é a mais ampla. Trata-se do aproveitamento da antiga sede do Posto que foi parcialmente destruída pela enchente.

São ao todo 10 casas que estão estrategicamente distribuídas pela área, nos locais próximos das "porteiras" divisórias, visando uma melhor ocupação e manutenção do território retomado.

No interior das casas observamos a influência e a adoção de produtos industrializados como fogão à gás (4 casas); armários de aço (3 casas); máquina de costura (2 casas); rádios (10 casas); eletrola (1 casa). Os possuidores dizem: "não é luxo, é necessidade porque estes produtos duram mais!"

Os Krenak estão reivindicando água encanada, casa maiores e

mais confortáveis e iluminação de luz elétrica.

3. LOCALIZAÇÃO

A comunidade Krenak está situada no Posto Indígena Guido Harlière, na margem esquerda do rio Doce, no município de Resplendor numa área em litígio com a RURALMINAS e com diversos fazendeiros (cerca de 54). Ocupam, atualmente, apenas 54 ha dos 250 ha reivindicados.

Do outro lado do rio, ou seja, à margem direita, está o povoado de Crenaque. Para chegar até lá, estando na reserva, basta atravessar o rio de canoa e caminhar cerca de um km margeando o rio. O povoado possui umas 20 casas com uma população estimada de 130 habitantes. O povoado é um arruamento estreito de casas que fica entre o rio Doce e a ferrovia Vitória-Minas. Os trens de carga trafegam ininterruptamente e os de passageiros duas vezes por dia. Toda a população da região converge para o povoado, pois é ponto de parada de ônibus e do trem. O povoado é, portanto, servido pela Estrada de Ferro Vitória-Minas que liga a capital de Minas a capital do Espírito Santo. O trem de passageiros desce, pela manhã, para Vitória, passando em Resplendor e sobe, à noite, para Belo Horizonte, passando por Conselheiro Pena e por Governador Valadares.

As duas cidades mais próximas ao Posto são, portanto Resplendor situada à 13 km e Conselheiro Pena a 14 km por via férrea. Resplendor, cidade com uma população estimada em 30 mil

habitantes, possui uma infra-estrutura bastante desenvolvida, contando com um comércio regular, dezenas de lojas, várias farmácias, 4 bancos, 1 hospital, 1 casa de saúde, restaurantes e muitos outros estabelecimentos, atendendo razoavelmente às necessidades da região. Devido à frequência constante dos índios nesta cidade e a seu aspecto físico semelhante ao dos regionais, normalmente são confundidos com trabalhadores rurais. A presença deles na cidade passa despercebida. Falando com um morador de Resplendor, sobre os índios Krenak, ele disse que não existe mais índio "índio mesmo é bravo e já acabou tudo; esses aí da parada Crenaque são caboclos mansos".

Os índios frequentam mais a cidade de Resplendor do que a de Conselheiro Pena devido à facilidade de transporte. O horário de trem permite ir e voltar no mesmo dia, por um preço mais econômico. Além disso, a FUNAI mantém convênio com o FUNRURAL desta cidade para prestação de assistência médica aos Krenak.

Conselheiro Pena, cidade localizada acima do rio Doce, conta com as mesmas possibilidades e serviços que Resplendor, sendo frequentada pelos Krenak com menor intensidade, devido principalmente à dificuldade de transporte; pois o trem que serve à região passa somente à noite, dificultando o deslocamento e a volta que só poderá ocorrer no dia seguinte.

Todavia na época da colheita do arroz, verifica-se maior movimentação para Conselheiro Pena, pelo fato de nesta cidade existir um serviço mais barato de "limpa" de arroz. Os índios preferem vender o arroz limpo. O preço é melhor.

Como pólo de atração mais desenvolvido, encontra-se a cida-

de de Governador Valadares, sede da 11ª Delegacia Regional da FUNAI; está situada a 77 km por ferrovia e a 130 km por rodovia. As idas dos índios a Governador Valadares são constantes, pois além de conseguirem hospedagem e passagem de volta gratuitas, ainda conseguem tratamento médico na sede da FUNAI, passeiam e conseguem produtos por preços menores do que nos lugares próximos ao Posto Indígena.

4. ECONOMIA

Os Krenak, que eram caçadores-coletores, atualmente, sobrevivem da criação de alguns animais e do cultivo de alguns cereais, como arroz, feijão, milho e outros.

Cada uma das 10 famílias possui sua própria roça localizada próxima à sua casa. O tamanho da roça depende da formação do terreno, do número de pessoas ativas na família e da quantidade de sementes disponível. Algumas famílias, como a do José Alfredo de Oliveira, Adão Luis Viana, Augusto Paulino e outros possuem mais de uma roça em locais diferentes da área, logrando, com isso, uma colheita maior, o que equivale a uma disparidade econômica entre as famílias.

Todas as atividades do plantio são realizadas com a participação de todos os componentes da família, inclusive das crianças maiores. Raramente uma família emprega pessoas de fora nestas tarefas. O trabalho é todo manual. Às vezes a FUNAI fornece o trator para o preparo do terreno.

Da área de 54 ha, que está sob domínio da comunidade Krenak, considerando as áreas de pastagens e terrenos áridos, sobram apenas 20 ha de terreno fértil, o que dá uma média de 2 ha por família. Realmente os Krenak não poderão expandir suas lavouras se continuarem confinados nesta pequena área. Necessitam urgentemente de mais terras.

Segundo informações dos índios, em 1983, conseguiram colher 396 sacas de cereais a saber: 26 sacas de feijão, 140 de milho e 203 de arroz. O Quadro nº IV mostra a produção por família. Desta produção, separam as sementes para o próximo plantio e retêm parte para a alimentação; o restante é comercializado. O dinheiro conseguido na venda dos produtos agrícolas é empregado na compra de produtos industrializados ou na compra de animais domésticos para criação.

A comunidade Krenak possui 30 porcos, 7 animais de carga, 48 bois além de 171 galináceos. O Quadro nº V mostra a distribuição destes animais por família em julho de 1983.

A criação de animais é duplamente vantajosa para os Krenak. Primeiro, além de ser uma riqueza econômica, é uma fonte de proteína que contribui decisivamente para o aumento do nível de vida. Segundo, o aumento do número de animais tenderá a forçar a FUNAI a resolver a questão da terra. Caso não ocorra a retomada das terras pelos canais competentes, ela poderá ocorrer pela força. Os Krenak poderão invadir as pastagens que estão em poder da RURALMINAS e dos fazendeiros, alegando a fome dos seus animais.

QUADRO IV

PRODUÇÃO DE CEREAIS, POR FAMÍLIA, OBTIDA NA SAFRA JULHO/1983

FAMÍLIA	MILHO		FEIJÃO		ARROZ	
	SACAS***	KG	SACAS***	KG	SACAS***	KG
1. Adão Luis Viana	15	900	02	120	40	2400
2. Augusto Paulino	05	300	06	360	35	2100
3. Basílio Luis Viana	12	720	03	180	30	1500
4. Bibiano da Silva Pereira +	--	----	04	240	--	----
5. José Alfredo de Oliveira	55	4400	02	160	40	2100
6. João Batista de Oliveira	18	1080	04	240	18	1080
7. Lírio Garcia	03	150	02	100	08	400
8. Moacir Manuel de Souza ++	02	120	01	60	--	----
9. Manuel Vieira da Graça	20	1200	02	120	30	1800
T O T A L	130	3870	26	1580	203	11380

PRODUÇÃO GERAL: 359 sacas = 21.830 Kg.

OBSERVAÇÕES:

Antônio do Rosário não consta dessa lista, porque não possui roça própria, trabalha para o seu cunhado o Augusto Paulino.

+ Bibiano da Silva Pereira ainda estava colhendo sua safra de milho e arroz, segundo suas previsões colheria cerca de 12 sacas de milho ou seja 720 kg. e 27 sacas de arroz ou seja 1620 kg.

++ Moacir Manuel de Souza não plantou roça de arroz

.A capacidade das sacas de cereais varia de 50 a 30 kg.

QUADRO V

QUADRO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS - DISTRIBUIÇÃO POR FAMÍLIA
JULHO - 1983

FAMÍLIA	SUINOS	BOVINOS	EQUINOS	GALINÁCEOS
1. Adão Luiz Viana	17	11	01	52
2. Augusto Paulino	--	08	02	20
3. Antônio do Rosário	--	--	--	--
4. Bibiano da Silva Pereira	--	--	--	16
5. Básilio Luis Viana	--	02	--	19
6. José Alfredo de Oliveira	02	08	--	23
7. João Batista de Oliveira	01	02	--	19
8. Lirio Garcia	01	03	--	12
9. Lucinda Damacena	--	03	--	--
10. Manuel Vieira da Graça	01	03	--	10
11. Comunidade +	--	08	03	--
T O T A L	22	48	06	171

OBSERVAÇÃO:

+ A Comunidade Krenak possui 2 jegues, 1 mula e 8 bois de carro, doados pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

Os Krenak pretendem expandir a criação, principalmente de gado, visando à produção comercial do leite.

Não há dúvida de que os Krenak estão inseridos no sistema econômico da região.

5. LIDERANÇA

Quando perguntamos aos Krenak pelo chefe ou cacique eles relataram um episódio interessante para explicar a questão.

Contaram que uma comissão composta de três pessoas Adão, Augusto e José Alfredo foram à Brasília para conversar com o Presidente da FUNAI sobre a questão da terra. Chegando na sede da FUNAI foram avisados que o Presidente só receberia o cacique dos Krenak. Não desejando voltar para o Posto, depois de uma longa viagem, sem falar com o Presidente, resolveram que um deles seria o cacique. Combinaram que o José Alfredo falaria com o Presidente como se fosse o cacique dos Krenak. Desde então, José Alfredo passou a ser o cacique perante a FUNAI. Todavia, para os membros da comunidade, ele não foi legitimado como tal; não possui nenhuma função específica e muito menos detém poder político sobre o grupo e nem sobre tomadas de decisão.

Devido ao reconhecimento oficial pela FUNAI, José Alfredo tem sido tolerado como porta-voz das decisões da comunidade.

Percebe-se uma tendência entre alguns membros da comunidade, que possuem vínculos mais fortes de parentesco, em reunir

os parentes que estão fora, na tentativa de fortalecer o grupo de parentes afim de indicar e eleger um novo cacique. Percebe-se também que cada grupo de parentesco constitui uma facção política dentro da comunidade.

Na realidade o "cacique" atual não representa a comunidade, e o que vier a ser eleito, também não a representará como um todo, mas sim ao grupo de parentesco mais forte, aquele que possuir o maior número de votos. Concretamente, cada família age autonomamente, através do seu chefe, de modo que a figura do "cacique" torna-se uma figura decorativa, sem nenhum poder decisório, apenas existe por exigência da FUNAI, como porta-voz da comunidade junto ao órgão.

Algumas mulheres, têm bastante influência nas tomadas de decisão no que diz respeito principalmente às relações com a FUNAI. A Laurita, por exemplo, mulher muito ativa, comunica-se verbalmente com muita facilidade e, sendo uma das pessoas mais entendidas e antigas do grupo, exerce um certo domínio sobre os demais. Tendo consciência desse fato ela está tentando, talvez por sugestão do próprio marido civilizado, reunir os parentes na esperança de ampliar e solidificar sua influência na comunidade.

6. A QUESTÃO ASSISTENCIAL

Com a criação de inúmeros postos de atração ao longo do vale do rio Doce para atrair e civilizar os índios, iniciou-se uma nova fase da política indigentista, que resultou para os Krenak na fundação do Posto Indígena Guido Harlière em 1920⁴⁴.

Durante muito tempo, a única forma de assistência que os Krenak receberam foi quanto ao trabalho a ser executado: política que consistia apenas em encaminhar o indígena para as lavouras, visando a aumentar a produção de alimentos para a comercialização, com farta distribuição de ferramentas para a execução de um melhor e mais rendoso trabalho.

A assistência, no século passado, se fez principalmente por missionários, com objetivo de transmitir a doutrina católica - pela pura substituição das crenças dos indígenas por outras - e de adaptar o índio a uma nova vida. Mas não podemos nos esquecer de que os aldeamentos eram mantidos com o trabalho dos índios, que possuíam apenas a função de aumentar o rendimento econômico das ordens religiosas, sem no entanto, munir os índios de estruturas e condições para sobreviverem mais dignamente frente ao contato.

Com a transformação da reserva dos Krenak em área corretiva em 1969, a assistência aos índios nessa época era autoritária, decorrente do trabalho forçado a que estavam submetidos, tanto os Krenak como os índios "infratores" de várias procedências que trabalhavam em troca de alimentação e recebiam cuidados mínimos. Estes índios eram mantidos sob vigilância pela Polícia Militar do Estado de Minas Gerais

Hoje o problema é diferente e bastante complexo, devido principalmente às novas necessidades criadas a partir do contato. Muitos projetos que tentaram ser implantados não deram resultados por serem bastante pretenciosos ou estarem contra os interesses da comunidade. Isso ficou muito bem caracterizado

quando examinamos um Programa de Trabalho do Posto Indígena Gui do Marlière do ano de 1971, elaborado pelo Engenheiro agrônomo Sílvio Gabriel Diniz, que previa a aplicação de castigos corporais aos índios que se desviassem dos objetivos do Projeto.⁴⁶ Entretanto, esse projeto não foi implantado porque os Krenak foram transferidos em 1972, para a Fazenda Guarani.

A FUNAI encontra-se, no momento, impossibilitada judicialmente de realizar projetos de desenvolvimento e assistenciais na área por encontrar-se em andamento, nos tribunais do Estado, ação que deverá restituir aos Krenak direitos permanentes sobre suas terras.

Do ponto de vista assistencial-médico, o atendimento é regular. A FUNAI mantém na área uma farmácia razoavelmente abastecida de medicamentos e um auxiliar de enfermagem em tempo integral. O serviço de vacinação tem sido realizado com regularidade. Dada a proximidade com a sede da Delegacia, os atendimentos são quase diretos. A equipe volante de saúde constituída de um médico, uma enfermeira e um laboratorista, visita frequentemente o posto. Além disso, existe um convênio com o FUNRURAL em Resplendor. Os casos graves de saúde são atendidos em Governador Valadres. A assistência odontológica só existe no caso de extrações. O tratamento curativo e preventivo não é oferecido. Todavia, em termos comparativos regionais, a comunidade Krenak é a melhor assistida, embora haja muita reclamação por parte dos índios. Um deles, por exemplo, acha que o enfermeiro tem obrigação de ir vacinar os filhos deles em casa. Negase a levar as crianças na enfermaria do Posto.

Recai sobre o enfermeiro da FUNAI, na área, todo o trabalho do Posto, desde fazer visitas diárias a todas as casa, até cuidar da compra de vacinas para o gado. Sua função não se restringe apenas à enfermagem, mas abrange uma variedade de funções, além de ajudar os índios em seus trabalhos pessoais. Torⁿna-se indispensável o aumento do número de funcionários para o desempenho dessas diversas funções.

Programas de medicina preventiva como a construção de fossas não existe; o motivo alegado pela FUNAI é a proibição pela Justiça em realizar qualquer obra. A inexistência de fossas e o contínuo consumo das águas do rio pelos índios contribuem para o aumento da verminose, acarretando sérios prejuízos para a saúde da comunidade. Mas não adianta apenas a construção de fossas ou banheiros nas casas se os Krenak não receberam orientações sistemáticas sobre normas higiênicas.

Uma grande aspiração de toda comunidade é que a FUNAI implante, o mais rápido possível, água encanada nas casa, o que, segundo os índios, facilitará a irrigação de suas plantações mesmo no período de seca, permitindo ainda a formação de hortas, e o consumo de água em melhores condições higiênicas.

A FUNAI fornece às famílias mais necessitadas sustento alimentício, por determinado tempo, até que essas mesmas famílias tenham condições de sustentar-se sozinhas. Fornece também assistência em forma de sementes para o plantio de roças.

Com a possível decisão judiciária em favor dos Krenak, acreditamos e esperamos que maior atenção seja dedicada e direcionada à Comunidade pela FUNAI, com a implantação de forma sis

temática e coerente de projetos agro-pecuários e, principalmen
te assistência médica, o que certamente contribuirá para ele-
var o nível de vida da comunidade Krenak.

CAPÍTULO III

AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS ATUAIS NO VALE DO RIO DOCE

Podemos destacar do conjunto das relações existentes entre os Krenak e a população envolvente alguns níveis de relações mais específicos. A saber: a relação com os fazendeiros da região, com a população do povoado de Crenaque, com a FUNAI e finalmente as relações sociais internas.

Entende-se por população envolvente aquele contingente populacional que está circunscrito a uma população considerada. No caso estudado, considerar-se-á população envolvente todos os segmentos demográficos externos à reserva indígena Krenak, tais como fazendeiros, moradores da região, habitantes das cidades vizinhas, funcionários da FUNAI e etc.

Com os fazendeiros, cujas terras estão fora dos limites da antiga Reserva Guido Marlière, os Krenak mantêm um contato permanente uma vez que a área indígena é passagem obrigatória. A travessia de uma margem a outra do rio é feita através de 2 canoas para o transporte de pessoas e de 1 balsa utilizada no transporte de carros e animais, pertencentes à Prefeitura Municipal de Resplendor. Para tal, a Prefeitura mantêm contrato de trabalho com Manuel Frozindo da Silva (Menem barqueiro) residente na Reserva, encarregado de servir aos habitantes da região.

Na ocasião da pesquisa de campo, julho de 1983, tivemos a oportunidade de presenciar a relação de amizade entre os Krenak e alguns fazendeiros. Houve um casamento numa das fazendas vizinhas, para o qual os índios foram convidados. Compareceram

foram muito bem recebidos.

As relações com os fazendeiros aparentemente não são de hostilidade, pelo contrário, evidenciam-se como cordiais e interdependentes. Um exemplo é a amizade com o fazendeiro Osmar, que presta sua ajuda aos índios sempre que se faz necessário: vacina o gado ou marca os animais a ferro sem cobrar nada pelos seus serviços.

Mesmo entre os fazendeiros que detém parte de terras Krenak, pode-se observar um contato de "cordialidade" aparente. Para estes fazendeiros, o litígio se dá com a FUNAI e não com os moradores da Reserva. Segundo nos relatou um fazendeiro da área, a indenização das terras por parte da FUNAI resolveria o problema. Ele, particularmente, prefere a indenização à propriedade das terras.

Todavia há exceções. O fazendeiro de nome Waisman, por exemplo, que detém a maior extensão de terras historicamente pertencentes aos Krenak, hostilizava os índios constantemente.⁴⁷ Segundo o mestiço Basílio, Waisman, certa época, chegou a contratar pistoleiros para a defesa de "suas" terras com ordens de atacar os índios que ameaçassem invadí-las. Tentava intimidar os Krenak, garantindo pela violência e terror a "sua posse" indevida das terras dos índios.

Um outro nível de relação permanente ocorre entre os Krenak e os moradores do povoado do mesmo nome. Dada a proximidade geográfica os contatos são diários. As festas, por exemplo, realizadas no povoado ou no Posto reúnem frequentemente as duas populações. Participamos de um baile à moda rural brasilei

ra, realizado na casa de Laurita Krenak. Percebemos a presença de muitos moradores do povoado de Crenaque. Na ocasião ficaram bem evidenciadas as relações de amizade, de cordialidade, de compadrio existente entre eles.

O futebol também é um outro elemento de ligação. São frequentes as partidas de futebol, nos fins de semana, entre os índios e os moradores do povoado. Para enfrentar times de outras localidades, formam uma seleção constituída de jogadores índios e não-índios (moradores do povoado de Crenaque). As "peladas" e os treinos ocorrem quase todas as tardes no Posto Indígena.

Os índios frequentam cotidianamente os botequins do povoado para tomar um "gole", para jogar sinuca, ou mesmo para tocar violão e conversar.

Os Krenak, dominicalmente, frequentam os ofícios religiosos da Igreja Católica do povoado. Toda a população Krenak é batizada. Aliás, com relação ao batismo, ocorre um fato interessante. O padre da Igreja Católica Romana e o padre da Igreja Católica Brasileira disputam a adesão dos índios. O padre da Igreja Católica Brasileira é filho do barqueiro e cunhado do índio Krenak Moacir Manuel de Souza. Desfruta de alto conceito entre os índios. Todas às vezes que ele visita o povoado realiza casamentos e batismos dos índios. O padre da Igreja Católica Romana procura difamá-lo, dizendo que ele é padre falso por pertencer à Igreja Brasileira e por isso os batismos e casamentos que realiza não têm valor. Repete todos os rituais, rebatizando os índios. Assim, todas as crianças

Krenak, de certa época para cá, são batizadas duas vezes.

Outro fator de conjugação é a escola. As crianças indígenas frequentam a escola do povoado.

Além das relações amistosas que ligam índios e moradores do povoado de Crenaque, constatamos também as relações de compra e venda. Os índios se abastecem e vendem grande parte de seus produtos no pequeno comércio local. É comum a compra à prazo pelo sistema de cadernota, o que revela o nível de confiabilidade de que o índio desfruta entre os civilizados da região. Com as cidades vizinhas de Resplendor e Conselheiro Pena, os Krenak mantêm relações comerciais mais formais.

As relações internas, devido aos efeitos de diversos fatores, principalmente do alto grau de miscigenação e aculturação, podem ser caracterizadas pelo individualismo, pela competição e pela discriminação entre alguns segmentos. O Kerente Bibiano, por exemplo, queixou-se do tratamento preconceituoso de que é vítima. Ele, a título de desabafo, disse-nos: "Os Krenak não gostam de mim, porque eu não tenho vergonha de ser índio; eu ensino para meus filhos a linguagem do meu povo. Eu faço lança e flecha para me sentir mais índio. Os Krenak não gostam de ser índios".

Cada família procura reivindicar para si própria os melhores benefícios. A relação dos Krenak com a FUNAI, por exemplo, não se dá ao nível comunitário, mas ao nível familiar. Cada um procura subtrair da FUNAI maiores vantagens para seu grupo familiar. Quando alguém consegue algum favor da FUNAI os demais vão até a Delegacia reclamar tratamento semelhante. Parece a-

té, salvo melhor juízo, que os animais doados pelo CIMI para a comunidade Krenak, estão em poder do Augusto Paulino a quem os demais moradores precisam solicitar permissão para usufruir de les. Percebe-se um comportamento mais comunitário quando se trata de propriedade da terra. Parece que eles estão conscientes de que a "união faz a força". Para conseguir e manter a posse da terra, o esforço comum tem mais probabilidade de êxitos. Além disso sabem que o sistema legal da posse de terra indígena no país se dá ao nível comunitário.

Até aqui tentamos demonstrar o caráter de cordialidade baseada na conjunção Krenak - sociedade nacional em seus diversos níveis. Todavia esta cordialidade é aparente e não resiste a uma análise mais profunda. O conflito às vezes latente, camufla-se através desta aparente cordialidade. Embora haja manipulação na prática social, ao nível das relações cotidianas, sob a égide da ideologia da cordialidade, a fricção étnica é uma realidade inegável.

Considerando os Krenak do passado como um grupo etnicamente distinto e portador de uma realidade histórica única, não há dúvida de que lhes sobraram, das primeiras relações com os brancos, apenas mágoas. Considerando, todavia, a história mais recente dos Krenak, é preciso levar em conta as experiências idiossincráticas diversas, para poder-se entender as relações índios e brancos. Uma parte da população tem como referência histórica as lutas de seus antepassados Krenak pela sobrevivência e preservação étnica. Para estes os civilizados não passam de intrusos e usurpadores. A outra parte, constituída de mestições, caracteriza-se por uma situação dúbia: por um lado rece-

beram a herança social de ressentimentos contra os brancos, por outro lado receberam a herança genética do branco. Outra parte é constituída de não índios descendentes históricos daqueles opressores do século passado. Ainda uma última parte é constituída de representantes de etnias diferentes que chegaram até a área Krenak por motivos os mais variados.

A população do Posto Indígena Guido Marlière é, portanto, uma população sobre muitos aspectos heterogênia. As pessoas que aí vivem não possuem, na sua totalidade, uma ligação étnica e histórica única. Todavia, a luta pela posse da terra tem servido de elo de ligação, de ponto de convergência, entre pessoas de diferentes etnias. Quando se trata da terra, todos se identificam como índios. O Adão por exemplo, declarou-nos: "Sou civilizado mas me casei com Laurita que é índia Krenak. Meus filhos, por isso, são Krenak e eu não posso sair daqui; então sou índio também; a FUNAI têm que me aguentar". Adão para assegurar seus "pretensos direitos indígenas" marcou o seu gado com as iniciais da sua esposa Laurita Félix (Krenak). Logo que chegamos ao PI, quando as pessoas não sabiam ainda qual o propósito de nossa visita, sentimos, de imediato, uma preocupação muito grande por parte delas em afirmar que eram índios. O Augusto por exemplo, nos disse: "Sou índio até no cuspe". Posteriormente, ao realizarmos o censo, constatamos que o pai dele era mestiço e a mãe civilizada.

Quando não se trata de terra pode ocorrer exatamente o contrário. A Marilsa, por exemplo, declarou sentir vergonha de repetir termos da sua língua Krenak na frente de estranhos. Disse também que quando vai a Governador Valadares e alguém lhe

pergunta se é índia responde que é filha de japoneses.

Apesar da heterogeneidade étnica, a população Krenak tem demonstrado uma solidariedade grupal nos momentos de enfrentamento com os brancos, principalmente no que diz respeito a posse da terra. A coesão grupal tem sido uma estratégia de resistência: Krenak e não-Krenak, tendem a se afirmar como pertencentes ao mesmo grupo. A identidade referencial Krenak traz em seu bojo um aspecto político favorável. Enquanto Krenak o grupo é de certa forma beneficiado pelo órgão assistencial. A tutela da FUNAI reforça a solidariedade grupal, todavia, no nível do relacionamento social interno, as distinções étnicas persistam.

Recapitulando, podemos destacar alguns pontos. Os Krenak passaram por um longo processo de fusão biológica. No decorrer da história podemos identificar diferentes fases do contato com variados segmentos étnicos. A ligação existente entre o fenômeno da miscigenação e o de identidade étnica, está no fato de um influenciar o outro. É que, de um lado, temos a mistura biológica que levará a uma modificação interna na cadeia genética de cada segmento relacionado, e, do outro, uma desorganização na identificação étnica levando a uma desestruturação sócio-cultural.

Entre os Krenak podemos encontrar representantes de diferentes etnias. Concretamente falando, tais índios mantiveram contato com civilizados, com índios Pataxó, Fulni-ô, Xerente, Maxakali e outros... cada grupo destes trazendo consigo sua própria configuração grupal (cultural) e representando - para

os Krenak - diferentes identidades. Assim sendo é mais do que necessário, analiticamente, distinguir níveis de identificação entre os Krenak: a identidade social e a identidade pessoal.⁴⁰

Entendemos por identidade social aquela identificação mais gnérica, que considera um segmento social como um todo; por identidade pessoal, a que destaca o indivíduo do espaço social que habita e o classifica como pessoa distinta de uma outra. Ao analisarmos o fenômeno de identidade entre os Krenak, podemos visualizar bem a distinção estabelecida. Por exemplo uma pessoa pertencente a Reserva Guido Marlière identifica, de um modo geral, uma outra da mesma área como Krenak. Fazendo uso portanto da identidade social. No entanto, se tomarmos cada indivíduo da reserva, podemos distingui-lo etnicamente.

A miscigenação com outros segmentos étnicos levou à reunião de indivíduos pertencentes a diferentes histórias. Por exemplo, um Kerente não tem a mesma referência histórica que um Krenak. Por isso, no caso de Krenak e Kerente, temos representantes de duas etnias distintas e também pessoas que não se identificam como pertencentes ao mesmo segmento étnico.

Acontece que uma pessoa não se desliga de um agrupamento referencial; o ser humano sempre viveu em grupo. Nesse sentido, podemos recorrer a um conceito de identidade substitutiva, ou seja, um indivíduo, não tendo um agrupamento original como referencial, passa a adotar o aparato referencial de um outro grupo: o grupo secundário. É nessa encruzilhada que encontramos inseridos os Krenak. Muitos habitantes da área consideram-se representantes de uma etnia específica, seja ela, Kerente, Gua

rani, Pankararú, branco, etc. embora tenham agora como referencial um mesmo agrupamento geral denominado Krenak.

Podemos concluir que, em termos gerais, os habitantes da Reserva Guido Marlière são considerados Krenak, entretanto, aprofundando a questão da identidade numa visão mais individualizada, pode-se distinguir representantes de diferentes etnias, na medida em que, cada qual, quando inquirido, faz questão de mencionar sua própria origem étnica.

CONCLUSÃO

Desde o início da colonização das Minas Gerais, os Botocudos, conforme vimos, foram submetidos a um violento processo de repressão por parte de portugueses e neo-brasileiros, que, ávidos de riqueza, exploravam as terras, afastando, a qualquer custo, o maior obstáculo - os indígenas. Com este objetivo guerras "defensivas" e ofensivas eram decretadas contra os primeiros habitantes como atos rotineiros.⁴⁹

Os que escapavam a estes desumanos confrontos eram submetidos a um outro processo, não mesmo violento, de descaracterização cultural e integração forçada.

Vítimas destes processos encontramos, hoje, um punhado de remanescentes Krenak, destituídos de sua cultura tradicional, que, embora mantendo uma identidade "peculiar", de uma forma ou de outra, está inserido no modo de produção rural com características do que Cardoso de Oliveira denomina campesinato indígena.⁵⁰ Assim, os Krenak, apresentam-se modificados econômica, étnica e culturalmente visando a adaptar-se à realidade social na qual estão irremediavelmente inseridos, tendo incorporado muitas concepções e costumes que os têm afastado sumariamente de sua origem cultural.

Ao longo desse processo histórico de contato com a sociedade envolvente, podemos destacar alguns fatores que facilitaram a integração dos Krenak. Os casamentos interétnicos, por exemplo, favoreceram a descaracterização biológica. Os mestiços chi

resultantes são "fenotipicamente" parecidos com os habitantes da região. Este fato permite ao indivíduo manipular sua identidade, apresentando-se, quando necessário, como regional. Outro fator é o desuso da língua.⁵¹ Ao adotar a língua portuguesa como meio de comunicação, os Krenak aproximaram-se mais dos padrões sócio-culturais da região. Outro fator é a influência da religião católica. A frequência aos cultos católicos concorre para o afastamento de suas concepções religiosas étnicas. A estes fatores podemos acrescentar a adoção de práticas econômicas e sociais regionais.

Todavia, continuam como um grupo à parte, por tratar-se de um grupo tutelado. A atuação assistencial da FUNAI concorre para distingui-los como índios. A posse coletiva da terra (por efeito de lei) e a situação de reserva indígena distingue o grupo na região. Cada indivíduo que mora na reserva tem consciência de que pertence ao grupo da reserva indígena, pelo menos, no momento de reivindicar direitos.

As evidências, portanto, permitem-nos concluir que os habitantes do Posto Indígena Guido Marlière - os Krenak - apesar de submetidos a uma situação de contato permanente com a sociedade nacional, desde o século passado, conservam, ainda, um sentimento de solidariedade e identidade grupal.

NOTAS

1. R.C. de OLIVEIRA, A Sociologia do Brasil Indígena, p. 87.
2. Idem, p. 55.
3. Ibidem, p. 56-57.
4. Ibidem, p. 55-57:
5. Alcida R. RAMOS, Hierarquia e Simbiose, p. 5.
6. George ZARUR, Parentesco, Ritual e Economia no Alto Kingu, passim.
7. S.A. MARCATO, A Repressão Contra os Botocudos em Minas Gerais.
8. Oiliam, JOSÉ, Indígenas de Minas Gerais, p. 47.
9. Oiliam, JOSÉ, Marlière O Civilizador, p. 56.
10. Oiliam, JOSÉ, Indígenas de Minas Gerais, p. 76.
11. A nossa Orientadora, Antropóloga e Professora Neli Ferreira do Nascimento, permaneceu na área Krenak durante dois dias, dirigindo-se depois para a reserva Maxakali.
12. S.A. MARCATO, op. cit., p. 3.
13. Ibidem, p. 13-24.
14. Ibidem, p. 8.
15. S.A. MARCATO, op. cit., p. 3-6.
16. Ibidem, p. 14.
17. Alcida R. RAMOS, op. cit., p. 13.
18. S.A. MARCATO, idem, p. 34.
19. Ibidem, p. 27.
20. Ibidem, p. 37-38.
21. Ibidem, p. 38.
22. Durante a estada dos Krenak na Fazenda Guarani, a RURALMINAS cedeu parte da área à Sociedade São Vicente de Paula de Resplendor. PORANTIM IV (33):8.
23. M.S. AMORIM et alii, Índios Maxakali, Resistência ou Morte, A área do PI Guido Marlière foi vendida por R\$50.000,00, nota 11, p. 117.
24. Jorge é formado em Ciências Sociais pela UFJF. Foi professor do Projeto de Educação Bilíngüe Maxakali, foi auxiliar administrativo no P.I. Pradinho e, atualmente, é auxiliar admi-

nistrativo no P.I. Maxakali, desde agosto de 1960. Não dispusemos de recursos financeiros para viajarmos até a Reserva Maxakali, por isso, solicitamos a ajuda do colega.

25. O Nenê Krenak é filho de Luís Júlio da Silva Krenak, que atualmente vive na ilha do Bananal. O Nenê, ainda criança, foi para a Reserva Maxakali, quando o pai dele, funcionário do SPI, foi transferido por necessidade de serviço. Essa transferência ocorreu antes de 1956, portanto antes da transferência forçada dos Krenak. Nenê casou-se com Leontina Ferreira Neves filha do finado funcionário do SPI, Serafim Neves.
26. A Lucinda Damacena com, aproximadamente 70 anos, poderia dar informações sobre a estada nas terras Maxakali, todavia, não conseguimos que ela falasse sobre o assunto.
27. O Nenê Krenak não participa da vida do grupo Maxakali. Vive, numa extremidade da reserva, do cultivo de pequena lavoura de cereais e da exploração de cacau. O cacual foi formado por uma família Pataxó, que viveu sob as mesmas condições, durante um certo tempo na reserva.
28. A Maria Augusta Krenak casou-se com Odílio Maxakali, de quem teve três filhos; Jandira, Urico (vive com o avô no P.I. Maxakali) e Luiza. Odílio foi assassinado, em 1978, por José Rezende Maxakali, mas já estava separado de Maria Augusta. Este, casamento durou pouco tempo, porque Odílio a espancava.
29. S.A. MARCATO, op. cit., passim.
30. As terras dos Maxakali foram demarcadas em 1940.
31. N.F. NASCIMENTO, A Luta pela Sobrevivência de uma Sociedade Tribal no Nordeste Mineiro, p.53.
32. S.A. MARCATO, op. cit., p. 27.
33. Parte das terras originais dos Krenak, foram doadas pela RURALMIINAS para a Sociedade São Vicente de Paula de Resplendor, PORANTIM, IV (33):8.
34. S.A. MARCATO, op. cit., p. 37.
35. Ibidem, p. 37-38.
36. Ibidem, p. 38.
37. Ibidem, p. 38-39.
38. Veja diagrama de parentesco, fig. nº 1.
39. S.A. MARCATO, op. cit., p. 35.
40. Delvair Montagner MELATTI, Aspectos da Organização Social dos Kaingang Paulistas, p. 17.

41. PORANTIN, IV (33):8.
42. Nesta época conversamos muito pouco com o Nenê Krenak. Ainda não tínhamos decidido estudar os Krenak.
43. "Os Novos Fazendeiros: Tribos do Sul garantem sua sobrevivência, esquecem as lutas do passado e partem para um projeto inédito". Revista Interior, X (55):36-40.
44. S.A. MARCATO, op. cit., p. 37.
45. Ibidem, p. 37. Segundo informações do administrador de uma fazenda vizinha e de alguns moradores da reserva.
46. Veja o referido Programa, p. 3.
47. Veja reportagem Jornal Estado de Minas, de 5-2-84, "Fazendeiros denunciam índios Cronaques e direção da FUNAI".
48. R.C. de OLIVEIRA. Identidade Etnia e Estrutura Social, p.4
49. Veja notas 13 e 14.
50. R.C. de OLIVEIRA, Identidade Etnia e Estrutura Social, p. 67-69.
51. Embora os Krenak mais antigos falem a língua, não a utilizam na comunicação diária.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. Antropologia Política. São Paulo, Dif. Européia do Livro - EDUSP, São Paulo, 1969. Cap. I,II, V.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Os Kiriri de Mirandela: Um grupo Indígena Integrado. Estudos Baianos, Salvador, UFBA (6). 1972.
- BERNADI, Bernado. Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos. Lisboa, Ed. 70, 1974. p. 120-162.
- CARVALHO, Edgar de Assis. As Alternativas dos Vencidos: Índios Terena no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- CHAPELLE, Richard. Os Índios Cintas-Largas. Belo Horizonte Ed. Itatiaia, 1982.
- DUSILEK, Darci. A Arte da Investigação Criadora: introdução a metodologia de pesquisa. Rio de Janeiro, JUERP, 1982.
- EVANS, Prithchard, E.E. Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azandes. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- FRANS, Vitor Rudio. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- GOFFMAN, Erving. Estigma (trad.) 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____. A Representação de Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.
- HERSLOVTS, Melville. J. Man And His Works (trad.) 4ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1973.
- LANGNESS, L.L. História de Vida na Ciência Antropológica. São Paulo. E.P.U., 1973. p. 13-14 (Introdução).
- LARAIA, Roque de Barros e MATTA, Roberto da. Índios e Castanheiros. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1967.
- MAIR, Lucy. Introdução à Antropologia Social. 3ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. Cap. X.
- MARCATO, Sônia de Almeida. A Repressão Contra os Botocudos em Minas Gerais. Boletim do Museu do Índio. (1), maio, 1979.
- MARTINS, Edilson. Nossos Índios Nossos Mortos. Rio de Janeiro, Ed. Codecri, 1979.
- MATTA, Roberto da. Relativizando: Uma Introdução a Antropologia Social. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MEAD, Margareth. Sexo e Temperamento. 2ª ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.

- MLATI, Delvair Montagner. Aspectos da Organização Social dos Kaingáng Paulistas. Brasília, FUNAI, 1976.
- METRAUX, Alfred. "The Botocudo" In: Handbook of South American Indians. Washington, Smithsonian Institution, 1946. p. 531-539.
- NASCIMENTO, N.F. A Luta pela Sobrevivência de uma Sociedade Tribal no Nordeste Mineiro. Dissertação de Mestrado apresentada a USP. São Paulo, 1984. (Himeografado).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A Sociologia do Brasil Indígena. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, EDUSP, São Paulo, 1972.
- _____. Identidade Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Pioneira, 1976.
- _____. O Índio e o Mundo dos Brancos: Uma Interpretação sociológica da situação dos Tukuna. 2ª ed. São Paulo, Pioneira, 1972.
- _____. Do Índio ao Bugre: O processo de assimilação dos Terena. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- OTTONI, Theophilo Benedicto. Notícia sobre os selvagens do Mucuri (Carta dirigida ao Dr. Joaquim Manoel de Macedo em 31 Março 1858). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, XXI:191-238.
- POUILLON, Francois. (Org.). A Antropologia Econômica. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- RAMOS, Alcida Rita. Hierarquia e Simbiose: Relações Intertribais no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- SAHLINS, Marshall. D. Sociedades Tribais. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- SEEGER, Anthony. Os Índios e Nós: Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 1980.
- SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981. (Introdução).
- VIDAL, Lux. Morte e Vida de Uma Sociedade Indígena Brasileira. São Paulo, Ed. Hucitec, 1977.